



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CLAUDIO SIDINEI LOPES**

**(entrevista)**

**São Paulo, SP**

**1999**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “História de imigração coreana e a influência de taekwondo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-935

**Nome do/a entrevistado:** Claudio Sidinei Lopes

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 28/07/1999

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 20 minutos.

**Páginas Digitadas:** 7.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: LOPES, Claudio Sidinei. Entrevista com Claudio Sidinei Lopes concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 28 jul 1999, 10p.

## **SUMÁRIO**

Envolvimento no Taekwondo; Taekwondo como esporte olímpico; Correntes e transformações do Taekwondo; Formação de instrutores e atletas; Academias de artes marciais em São Paulo.

São Paulo (SP), **28 de julho de 1999**. Entrevista com Claudio Sidinei Lopes (**C.L.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “História de imigração coreana e a influência de taekwondo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Qual a formação profissional do senhor e quando iniciou a prática do Taekwondo? Ano e instituição?

C.L. – Bom, a minha formação acadêmica é em Educação Física pela Faculdade de Santo André, a FEFISA, sou formado desde 1981 e pratico taekwondo ITF<sup>1</sup> desde 1978...é isso? Me formei com o mestre Sang Min Cho, que é o introdutor do taekwondo no Brasil, em 1979 com o 1º Dan.

F.M. – Qual a concepção do senhor sobre o Taekwondo?

C.L. – Bom, o taekwondo pode ser interpretado como um modo de vida realmente né, então, não só a prática física, mas como a prática filosófica, social e é assim que a gente encara o taekwondo dentro dessa instituição que a gente pertence, que é a classe A, na parte biológica, social e psíquica. Então, a gente procura estender essa visão do taekwondo em todas essas áreas e construir a formação de um ser humano baseado nesses princípios.

F.M. – Como o senhor avalia a prática do Taekwondo desde sua origem até os dias atuais?

C.L. – É, na verdade, o taekwondo ITF ele se caracteriza por ser um taekwondo tradicional, então, na metodologia de ensino ele não se transformou na metodologia, o que houve são os avanços da parte científica do esporte que vai sendo acoplada; hoje se vê os atletas fazendo uso do personal training pra melhorar a performance física dele mas, na parte técnica, a construção do treinamento continua com a mesma metodologia e o número de praticantes no mundo que em alguns campeonatos cê vê um aumento, em outros campeonatos cê vê uma diminuição isso parece que tem uma influência direta com a parte

---

<sup>1</sup> International Taekwondo Federation.

política, alguns países que ficam mais descontentes em alguns mundiais se afastam depois retornam e esse eu acho que é o processo político dentro do esporte, não é?

F.M. – Como se deu o processo de origem e disseminação do Taekwondo no Estado de São Paulo?

C.L. – Bom, o taekwondo no estado de São Paulo foi introduzido pelo mestre Sang Min Cho, que é o próprio introdutor do taekwondo no Brasil em 1970...agora não me recordo com precisão até que ano ele ficou, permaneceu no Brasil mas foi na década de 1980, 1984-86, mais ou menos por aí, e foi a pessoa que liderou o taekwondo a nível de Brasil e a nível de estado de São Paulo. Hoje ele se encontra em Los Angeles e já pertencendo a World Taekwondo Federation não mais a International Taekwondo Federation. Isso faz com que quando ele vem ao Brasil participar de algumas copas seja pela WTF<sup>2</sup>, não é?, mas continua sendo um grande mestre sem dúvida.

F.M. – Enquanto mestre, o senhor acredita que a transformação do Taekwondo em uma modalidade olímpica, ou seja, esporte olímpico, gerou ou pode estar gerando uma descaracterização dessa arte marcial no que diz respeito às suas técnicas, tradições e princípios filosóficos - orientais?

C.L. – Não, eu acredito que as coisas caminham dentro de um raciocínio incluso, cê não precisa ter a coisa da exclusão, né, então, eu vejo que o esporte e a arte marcial podem tá caminhando junto como anteriormente eu falei. Hoje os atletas fazem uso de um personal training pra melhorar sua performance física e faz o seu treino marcial. Eu acho que são opostos que podem se beneficiar e se conciliar; e vejo esse trabalho de esporte olímpico, a WTF, vem trabalhando junto ao comitê olímpico, não é?, e aí se enfrente os problemas políticos que o general Choi contesta, reivindica sendo o criador do taekwondo, da própria palavra o taekwondo e aí já entra num problema da ética do comitê olímpico de tá decidindo e não mais pertence ao nosso discurso aqui, mas acho que seria muito bom pro taekwondo, sempre o esporte olímpico vai tá difundindo e ampliando a visão do que é o esporte e o que a gente espera é que um dia isso possa ser feito com a união, com a fusão das duas federações e não com essa confusão que é gerada.

F.M. – Ainda nessa questão, assim, aproveitando o próprio gancho que você deu, você falou, né, que acha legal a WTF tá trabalhando nesse sentido, acha que é importante, bom pro taekwondo, pra divulgação dele mas, assim, o senhor acredita nesse movimento também que tá havendo pra criação de uma federação inter-estilos, pra tá unificando, não unificando esses estilos mas, tarem trabalhando de maneira, assim, guardando as suas características mas, tarem trabalhando de maneira, assim, juntos né, tarem trabalhando juntos?

C.L. – Tecnicamente é difícil que isso ocorra, é a mesma coisa de você falar: “Vamos juntar as regras do basquete com as do vôlei”, tem regras aí que são...vão ser definidas ou prum lado ou pro outro e eu vejo a coisa muito mais política do que outra coisa e na discussão política é um jogo de muita paciência né, onde tem que haver concessões e isso tá lá em cima com os grandes mestres, com os presidentes das duas federações, a gente tá um pouco distante dessa discussão. Mas aí vai ter que se criar uma regra única e o que o general coloca é que, que seja a dele, questiona e vai criar todo um processo de adaptação...eu acho que a coisa se estende ainda por um bom tempo nessa discussão.

F.M. – Quantos instrutores o senhor formou? Relate os nomes, as cidades e informe se ainda atuam como instrutores.

C.L. – Na verdade instrutores a gente se refere às pessoas que chegam ao 4º grau e fazem o curso de instrutor internacional. Então, na verdade eu formei faixas pretas que hoje nós temos 30 faixas pretas formados dos quais, desses 30, 9 dão aula em outros locais ligado, ainda, à academia central. Então, a academia central supervisiona o trabalho desses faixas pretas através de clínicas, seminários, exames de faixa, e o grupo hoje aqui, classe A, deve tá em torno de 250 pessoas mais ou menos.

F.M. – Quais as diferenças entre o Taekwondo ITF e WTF?

C.L. – A ITF, como já fala, ela nasce com ideal formado em cima da tradição, não é?, então, é uma coisa que o general Choi preserva muito até hoje, o cultivo da tradição, o

---

<sup>2</sup> World Taekwondo Federation.

cultivo da hierarquia, não é?, e isso faz parte do treinamento marcial regido pelo próprio planeta que é áries, que é marte, todo bélico e sem hierarquia a arte marcial deixa de ser uma arte pra se tornar uma violência marcial, porque parece que esse deus fica furioso quando a hierarquia não fica presente dentro do processo da arte e me parece que a WTF faz um caminho, como a gente tava conversando, do desporto mesmo né, e que eu acho bárbaro. Eu tive dentro do quartel general da kukkiwon, dentro do national college, que é uma universidade onde tem 46 campeões do mundo da WTF e realmente tem um trabalho científico do desporto muito interessante que eu não vejo o porque separar essa coisa marcial e do desporto, eu acho que a coisa vai caminhar mesmo pra questão política, não vejo a incompatibilidade dessas duas coisas, também não vejo que falam: “Não, a ITF se torna mais marcial e a WTF mais desportiva”.

F.M. – Não isso que eu digo é o discurso, mas se você pegar um aluno o aluno vai falar: “Que esporte você pratica?”, “Ah, eu pratico taekwondo”, aí “Que arte marcial que você pratica?”, “Ah, eu pratico taekwondo”, e se você pegar aluno das, tanto da WTF quanto da ITF.

C.L. – Eu entendo que há um raciocínio de inclusão, não precisa excluir uma coisa pra ter a outra e acho perfeitamente conciliável essas duas questões, não sei porque que se discute tanto é marcial ou é desportiva, eu acho que precisaria ter uma clareza maior dessas definições. O que eu entendo sim é que sem hierarquia nem o desporto e nem marcial consegue crescer porque aí fica muito violento, aí entra a temática do poder mesmo, então “eu sou faixa preta e você faz e fica quieto”, e aí o abuso de poder não leva a nada e não se faz nunca presente na arte, aí fica violência marcial que a gente assiste muito isso.

F.M. – Qual o posicionamento do senhor com relação a disputa política que existe entre essas duas Federações?

C.L. – A política bem feita ela é interessante porque a política é esse jogo de concessões, “eu cedo, você vai”, faz parte da cortesia que é um dos princípios do taekwondo...fazer esse jogo político dessa forma eu acho muito saudável mas essa política que vem com a temática do poder, essa eu acho destrutiva e que estagna, o que um faz o outro vai e destrói, essa não é interessante pra nenhuma das duas instituições. Tem uma máxima na

química que diz o seguinte: “Nada do que não foi separado suficientemente pode ser unido novamente”, então talvez, essas duas instituições precisam tá separando mais algumas questões pra talvez depois tá fazendo a sua fusão, porque enquanto ainda tiver temáticas aí não muito aclaradas vai ficar sempre esse mal estar, essa coisa de jogo de poder e isso eu acho que quem acaba perdendo é o praticante.

F.M. – O senhor acredita que isso esteja mais em evidência aqui no Brasil, no estado de São Paulo ou você acha que isso é geral?

C.L. – Eu acho que isso é uma questão do ser humano, eu acho que o ser humano tem que se tornar melhor pra gente ter uma política melhor, pra ter um taekwondo melhor pra ter uma vida melhor. Eu acho que isso faz parte do humano e não é regional, eu acho que é uma coisa universal.

F.M. – Eu pergunto, assim, não no sentido assim não por se tratar do estado de São Paulo mas sim, por se tratar da maneira como se conduziu o esporte aqui dentro, essa modalidade.

C.L. – Eu acho que é uma temática que se encontra no mundo inteiro, se repete, se eu puder tá usando um termo aqui da psicologia analítica, é um arquétipo que se repete em todas federações, parece que é assim, sempre que vem a tentativa de criar um “nós”, então tem o “eu”, tem o “tu”, nós vamos criar o “nós” e isso acontece então a coisa quebra e vem uma terceira instituição. Então, hoje cê encontra não só a ITF e WTF a ITS, não sei o que, que são dissidentes que quando chegam aí nessa temática do poder querem esse bastão, querem esse cetro e acabam fundando o seu próprio estilo; isso cê vai ver no boxe, cê vai ver no caratê, cê vai ver no taekwondo, se vai ver...parece que esse arquétipo do poder e de romper com grande pai e depois... vai se apresentando em todas as temáticas. Aí que novamente a gente entraria de volta nessa questão da violência marcial e da arte marcial, a hora que acaba essa hierarquia, a hora que cê deixa de reverenciar o mais velho, o mais antigo se instala essa violência. Tem um cara antropólogo francês, ele é de rak, que ele fala sobre o sagrado e a violência e ele coloca exatamente isso que o ser humano é mimético então começa a incentivar que você deseje o meu desejo, então eu falo: “Olha eu gosto muito de taekwondo”, aí cê também começa a gostar de taekwondo e aí quando

deixa de ter essa hierarquia porque eu gostava primeiro do que você e você se coloca na mesma situação parece que tem que vim a violência pra se instalar novamente a hierarquia.

F.M. – Então, quando o senhor fala violência marcial o que o senhor tá querendo dizer?

C.L. – A violência marcial é quando existe essa luta, essa briga pelo poder: quem manda mais, quem pode mais e isso é muito ruim pra todo mundo e, a única coisa que resolve isso lá depois nessa temática desse antropólogo é o amor mesmo... parece um pouco contraditório falar de falar de marcial, de luta, de amor mas é a única energia que consegue vencer áries dentro da mitologia é essa, é essa compaixão, essa benevolência que tanto se fala mais pouco se pratica.

F.M. – É ... agora aqui, assim, falando um pouco mais de valores assim do nosso mundo ocidental , porque eu sei que hoje se você for lá na Coréia , é claro, eles são totalmente capitalista , mas isso foi imposto a eles , assim, isso entrou no cotidiano deles , não sei nem se foi imposto , da mesma maneira que aqui também é uma lógica capitalista ; você acha que isso pode ter uma influência muito grande no sentido de que aí começa... a ganância do homem se faz presente e aí ele querer mais do que ser, querer ter também mais do que o outro.

C.L. – É. Na verdade tem uma máxima oriental que fala assim: “Os muitos e os poucos atrapalham a vida do ser humano”, e eu não tenho nada contra o capitalismo desde que ele não seja devorador e selvagem. Entendo o dinheiro como uma energia que você tem que saber dá entrada e dá saída só que isso requer, contudo, um bom senso, um equilíbrio, né, porque se não novamente fica essa questão aonde eu só vou ver o cifrão e não vou ver o ser, eu só vou estar realmente preocupado no ter. Eu acho que esse risco corre todos nós, todos nós corremos esse risco se você não tiver atento. Agora é uma coisa nova lá pro oriente essa coisa do capitalismo e como é uma coisa nova, pra gente desse mundo da espiritualidade, eu acho que aí é a questão da fusão mesmo só que nessa fusão a gente precisa tá atento pra não confundir e criar confusão nisso tudo. Mas é uma questão de bom senso, de busca desse caminho do meio.

F.M. – Puxei a conversa mais pra esse lado porque eu pretendo dar continuidade nesse trabalho falando do processo de transição do taekwondo de arte marcial para esporte que hoje mesmo, mesmo a ITF tem características esportivas, ela é mais arte marcial mas ela tem competição, tem regras institucionalizadas, campeonatos e se aproveita desses campeonatos pra divulgação, pra se manter viva e a WTF, não precisa nem falar, é a ...seria assim uma coisa que tá mais, mais claro, ele divulga isso pra quem quiser ouvir que ela é um esporte, um esporte olímpico, por isso que eu puxei a conversa pra esse lado. – Na atualidade, na opinião do senhor, quais são as principais academias, os principais mestres e os principais expoentes? Se tiver conhecimento do assunto, deve ser restrito ao Estado de São Paulo.

C.L. – Academia central, hoje, em São Paulo tem Cho, Classe A e Brooklin, com Dijalma<sup>3</sup>, 6º Dan dirigindo tem Cho; eu, 5º Dan, dirigindo a Classe A; e o Paulo de Tarso<sup>4</sup>, 5º Dan, dirigindo o grupo família que é do Brooklin, e essas três que tem depois sub – sedes dentro da cidade de São Paulo. E no interior tem em Santos com o Pércio<sup>5</sup>...acho que a nível de estado em São Paulo e Santos.

F.M. – Os principais mestres ...

C.L. – Não tem mestres só essa qualificação de instrutor internacional, mestres só acima de sétimo.

F.M. – Expoentes da ITF no estado de São Paulo...

C.L. – Até por ser essa pouca quantidade a gente reveza entre os três esse ranking: ora um que é primeiro, ora outro que se destaca um ano. Esse ano eu acho que nós fomos campeões paulista, ano passado foi o Cho daí assim vai revezando.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.